



# Texto para discussão

283

**Mão invisível, ordem  
espontânea e o mercado:  
breve nota sobre Adam  
Smith**

**Eduardo Barros Mariutti**

Novembro 2016

Instituto de Economia  
UNICAMP



# Mão invisível, ordem espontânea e o mercado: breve nota sobre Adam Smith

Eduardo Barros Mariutti

## Resumo

Já se tornou quase um lugar comum apontar como algumas das “histórias” da formação da ciência econômica deformam o pensamento de Adam Smith. Nesta breve nota, em linha com este tipo de crítica, pretendo destacar as tensões entre algumas características do pensamento de Smith e a famosa metáfora da “mão invisível”.

Certa vez, logo no início de minha carreira como professor, coordenei uma mesa sobre Economia Política Clássica de uma prestigiosa associação de pesquisadores. Na mesa, ao lado de um assustado doutorando, um colega de uma reputada universidade pública apresentava o seu *paper*. A sua fala teve um início surpreendente, algo como: “ensinei Adam Smith por mais de 10 anos na graduação. Porém, *depois de ler o livro com calma, notei como era diferente das minhas aulas.*” Ninguém gargalhou. Não era uma piada. Ao olhar ao redor da sala, notei que uma pequena parte dos pesquisadores parece ter se identificado com o ocorrido e a esmagadora maioria não parece ter recebido a afirmação com surpresa. Faz parte do jogo, aparentemente. Se não se tratasse de um evento custeado pelo dinheiro público, a situação até teria alguma graça. Mas essa tragicômica sinceridade é, por si só, ilustrativa de como o que se ensina em sala de aula se destacou completamente do que se supõe serem os fundamentos de uma disciplina acadêmica. E, também, mostra como a luta selvagem pela especialização mutila os cérebros, mesmo de quem, supostamente, tem como ofício o cultivo do saber. A idéia da comunicação era tentar recuperar o “verdadeiro” Smith, mas ainda enquanto um precursor da ciência econômica. Naquela ocasião a tentativa naufragou.

O motivo do fracasso é bastante evidente. Apesar de se chamar Adão, Adam Smith não é o “pai” da ciência econômica. E, mesmo que alguns elementos presentes em sua obra – desde que isolados do conjunto do qual fazem parte - possam ser vistos como “precursores” do que hoje se chama ciência econômica, a expressão é inadequada. Esse tipo de raciocínio,

essencialmente anacrônico, é inaceitável. Já existe uma boa bibliografia apontando essas inconsistências e as “deformações” do pensamento de Smith. Porém, pelo caráter sintético e preciso, vamos começar pela perspectiva proposta por Hugo da Gama Cerqueira em “Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês”. O mote do autor é

abandonar a tentativa de compreender a obra de Smith e de julgar o seu mérito com base apenas na sua compatibilidade com os conceitos e métodos da teoria econômica contemporânea. Em uma palavra, trata-se de recusar o anacronismo e aceitar que o sentido de proposições e conceitos empregados no passado não é imediatamente acessível a nós, que sua efetiva compreensão exige que consideremos o ambiente intelectual em que brotaram e as intenções do autor. No caso de Smith, isso significa, entre outras coisas, situar seu pensamento em relação aos movimentos intelectuais de sua época e, particularmente, em relação ao iluminismo escocês, do qual foi figura-chave<sup>1</sup>.

É até possível questionar se existe um “iluminismo escocês” tão distinto da variante “britânica” a ponto de poder ser considerado outro tipo de iluminismo – afinal, esses cortes sempre são arbitrários – mas, mesmo assim, a abordagem proposta está no rumo correto.

O primeiro ponto destacado por Cerqueira no artigo é a peculiaridade da percepção dos iluministas escoceses sobre a natureza da sociabilidade humana (Adam Ferguson em particular, mas também Hume e Smith). Ela é *fundante* e, portanto, não faz sentido especular sobre um “estado de natureza” pré-social. E, além disto, o que singulariza a variante escocesa é a rejeição explícita de que a formação da sociedade possa ser explicada como o fruto de um *cálculo racional* por parte dos indivíduos. O segundo aspecto, cuja ênfase maior encontra-se em Hume, é a percepção de que a vida social se fundamenta e enseja *hábitos* e instituições que estabilizam os comportamentos e restringem o âmbito das ações dos indivíduos, fato que gera alguma previsibilidade nos comportamentos sociais. Esta percepção – ressalta Hugo Cerqueira - garantiu um caráter menos utópico e mais centrado na preservação e ampliação dos elementos positivos da ordem social em que viviam<sup>2</sup>.

---

(1) *Economia e Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 1-2, 2006.

(2) Cf. *ibid*, p. 21-23.

O ponto decisivo é que, deste ponto de vista, a mudança social *não* emana de ações individuais e de atitudes planejadas, mas resulta de transformações geralmente ocultas nas *condições gerais da sociedade*. E a obra de Smith é repleta de exemplos onde as intenções e interesses que movem a ação dos indivíduos e grupos produzem efeitos não desejados e, por vezes, contrários aos propósitos iniciais. Aí chegamos a um ponto importante, que teve diversas implicações posteriores. Tal como Ferguson e Hume, Smith estava formulando na realidade os contornos básicos da noção de “ordem espontânea”, explicitada e desenvolvida posteriormente por Hayek. A metáfora da “mão invisível” é o exemplo mais ilustrativo deste princípio que, inclusive, fundamenta a defesa da “sociedade comercial” que está na base do iluminismo escocês. Mas, como veremos, mesmo para Smith, a ordem não é tão “espontânea” assim.

A metáfora aparece *apenas uma vez*, no capítulo 2 do livro quatro, que trata sobre as restrições às importações dos bens que podem ser produzidos nacionalmente. O contexto é a crítica da legislação e das supostamente “nobres” intenções de alguns mercadores e agentes que apregoavam a proteção e a preferência pela indústria nacional como forma de gerar mais empregos e reduzir as mazelas sociais. O argumento de Smith é relativamente bem conhecido: essa disposição, a despeito da retórica, não necessariamente gera os melhores benefícios para o conjunto da sociedade, pois acaba por direcionar os recursos para investimentos subótimos (essa palavra é minha, mas traduz a idéia). Se a alocação dos recursos responder apenas ou principalmente à busca dos próprios interesses dos diversos agentes sociais, no final das contas, ela produziria um efeito geral melhor, pois refletiria com mais acuidade o potencial efetivo de produção de cada sociedade. A concatenação destas duas famosas passagens ilustra todo o raciocínio:

*The general industry of the society never can exceed what the capital of the society can employ. As the number of workmen that can be kept in employment by any particular person must bear a certain proportion to his capital, so the number of those that can be continually employed by all the members of a great society must bear a certain proportion to the whole capital of that society, and never can exceed that proportion. **No regulation of commerce can increase the quantity of industry in any society beyond what its capital can maintain. It can only divert a part of it into a direction into which it might not otherwise have gone; and it is by no means certain that this artificial***

*direction is likely to be more advantageous to the society than that into which it would have gone of its own accord*<sup>3</sup>.

E, alguns parágrafos depois, surge a metáfora:

*But the annual revenue of every society is always precisely equal to the exchangeable value of the whole annual produce of its industry, or rather is precisely the same thing with that exchangeable value. As every individual, therefore, endeavours as much as he can both to employ his capital in the support of domestic industry, and so to direct that industry that its produce may be of the greatest value; every individual necessarily labours to render the annual revenue of the society as great as he can. He generally, indeed, neither intends to promote the public interest, nor knows how much he is promoting it. By preferring the support of domestic to that of foreign industry, he intends only his own security; and by directing that industry in such a manner as its produce may be of the greatest value, he intends only his own gain, and he is in this, as in many other cases, led by an invisible hand to promote an end which was no part of his intention. Nor is it always the worse for the society that it was no part of it. By pursuing his own interest he frequently promotes that of the society more effectually than when he really intends to promote it. I have never known much good done by those who affected to trade for the public good. It is an affectation, indeed, not very common among merchants, and very few words need be employed in dissuading them from it*<sup>4</sup>.

Esses dois trechos, combinados, geralmente formam a base das alegações de que Smith seria o “pai” da ciência econômica moderna.

Em outro registro, Michel Foucault tira conclusões um pouco diferentes.<sup>5</sup> Na verdade, ele destaca as conclusões que a famigerada escola austríaca costuma destacar da leitura de Smith. Para que o proveito coletivo seja garantido, os atores precisam ser *cegos à totalidade*. Pois é ela que *ordena* a miríade de atos egoístas. Isto é: deve existir *incerteza*. Portanto, e nisso costuma se insistir mais, há claramente um lado mão na metáfora: ela ata todos os

---

(3) Adam SMITH. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. Chicago: University of Chicago Press, 1977, p. 590, grifos meus.

(4) *ibid*, p. 593-594.

(5) Foucault parte de uma perspectiva radicalmente distinta das diversas histórias segmentadas e lineares do pensamento. Para ele, *todas* as manifestações do saber estão imbricadas em um dado período, configurando uma *épistémè* peculiar, que gera um conjunto finito de possíveis saberes e práticas.

interesses e ações sociais. Mas, também, e isso nem sempre se destaca com a mesma veemência, o lado invisível é igualmente importante: é a *invisibilidade* – a impossibilidade intrínseca de se conhecer previamente os efeitos das ações e de se visualizar o conjunto da sociedade – que gera este tipo de ordenamento. Desse modo, como nenhum agente *pode* perseguir o bem coletivo, a rigor, ele não precisa – e não deveria – se preocupar com isso<sup>6</sup>. Então...além de ser o pai da ciência econômica, Smith seria também o pai do neoliberalismo? É o que concluiria qualquer leitor apressado. Seria possível também dizer que ele é, senão o pai, pelo menos o avô da teoria da evolução. Como nos conta Hayek, Popper sugere que Charles Darwin estava lendo atentamente Adam Smith quando cunhou a sua teoria da evolução<sup>7</sup>. No entanto, todos esses casos envolvem extrapolações muito duvidosas e anacrônicas. Afirmar que esta dimensão do raciocínio de Smith, que era compartilhado por parte dos seus contemporâneos, influenciou desdobramentos teóricos e até mesmo epistemológicos posteriores é muito diferente de dizer que esta é a *raiz* da ciência econômica contemporânea, do evolucionismo ou do neoliberalismo.

O caminho para desmascarar essa falsa paternidade fica mais fácil também porque, com o sua argúcia e sarcasmo habitual, Immanuel Wallerstein escancarou o óbvio, ao destacar a conclusão do livro I de *An Inquire in the Nature and Causes of the Wealth of Nations*<sup>8</sup>. Uma rápida leitura é suficiente para depreender o argumento básico do autor e seus desdobramentos: toda grande sociedade civilizada é baseada nos *interesses* dos que vivem de renda, de salário e do lucro.<sup>9</sup> Porém, ao contrário do que costuma se sustentar, Smith

---

(6) cf. Michel FOUCAULT. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 379-381.

(7) Cf. The fatal conceit: the errors of socialism. In: W.W. BARTLEY III (Org.). *The Collected Works of Friedrich August Hayek*, v. I. London: Routledge & Keagan Paul, 1992. p. 24.

(8) Cf. Immanuel WALLERSTEIN. Rethinking the concepts of class and status-group in a world-systems perspective. In: Giovanni ARRIGHI; T. K. HOPKINS; I. WALLERSTEIN *Antisystemic movements*. London: Verso, 1989. p. 75-77.

(9) “*The whole annual produce of the land and labour of every country, or what comes to the same thing, the whole price of that annual produce, naturally divides itself, it has already been observed, into three parts; the rent of land, the wages of labour, and the profits of stock; and constitutes a revenue to three different orders of people; to those who live by rent, to those who live by wages, and to those who live by profit. These are the three great, original, and constituent orders of every civilised society, from whose revenue that of every other order is ultimately derived*” (The Wealth... op. cit., p. 346).

argumenta que apenas os interesses dos que vivem da renda e do salário coincidem com o interesse geral da sociedade, pois o valor real da renda e do salário cresce ou decresce em função da expansão ou declínio da economia<sup>10</sup>. Quem visa o lucro tem um duplo interesse: aumentar o mercado e *reduzir a competição*. E, para, Smith, estes *sempre* são os interesses dos mercadores e dos proprietários das manufaturas. Aumentar o mercado é, do ponto de vista de Smith, algo que beneficia toda a sociedade. Mas...desde que este aumento inclua também a elevação da concorrência. Do ponto de vista do interesse mercantil e manufatureiro, o melhor cenário envolve expandir o mercado e *restringir a concorrência*, fato que geraria muito provavelmente um produto social *menor*, pois, como já foi apontado, este direcionamento “artificial” na alocação dos recursos dificilmente corresponderia ao potencial produtivo da sociedade. Mas, se esta dupla tarefa não for possível, os mercadores e manufatureiros se contentariam com a criação de mecanismos privados e públicos para proteger os mercados já conquistados. Esta saída também não corresponde ao interesse geral.

Quem vive de renda está em uma posição muito peculiar, especialmente no que diz respeito ao debate público sobre os mecanismos de regulação sobre o comércio e sobre a propriedade: é a única das três grandes ordens cujos rendimentos chegam diretamente até as suas mãos, não exigindo (a princípio, pelo menos) nenhum cuidado ou planejamento. Portanto, esta posição peculiar – de aparente segurança - favorece uma atitude indolente, que os distancia do debate público:

*When the public deliberates concerning any regulation of commerce or police, the proprietors of land never can mislead it, with a view to promote the interest of their own particular order; at least, if they have any tolerable knowledge of that interest. They are, indeed, too often defective in this tolerable knowledge. They are the only one of the three orders whose revenue costs them neither labour nor care, but comes to them, as it were, of its own accord, and independent of any plan or project of their own. That indolence, which is the natural effect of the ease and security of their situation, renders them too often, not only*

---

(10) “I shall conclude this very long chapter with observing that every improvement in the circumstances of the society tends either directly or indirectly to raise the real rent of land, to increase the real wealth of the landlord, his power of purchasing the labour, or the produce of the labour of other people” (Ibid, p. 344).

*ignorant, but incapable of that application of mind which is necessary in order to foresee and understand the consequences of any public regulation*<sup>11</sup>.

O assalariado está em uma posição inferior ao rentista, na medida em que o declínio geral da sociedade o afeta muito mais e, por conta da sua condição, ele não tem educação, hábitos e nem tempo suficiente para reunir as informações necessárias para compreender seus interesses. Além disso, de todos, é o menos ouvido no debate público<sup>12</sup>.

Essa é uma curiosa faceta de Smith, que nem sempre se destaca. Wallerstein é enfático:

*The Wealth of Nations being a work of legislation, the purpose of this “class analysis” was to warn the sovereign against the dangers involved in following the advice and yielding to the pressures of merchants and master manufacturers. As the head of the national household, he should instead strengthen the rule of the market over civil society, thereby achieving the double objective of a more efficient public administration and a greater well-being of the nation*<sup>13</sup>.

Logo, a apologia da sociedade comercial por parte de Smith *não envolve uma defesa dos mercadores e muito menos da “burguesia industrial”*, mas apenas a justificação da expansão do mecanismo da concorrência que supostamente criaria espontaneamente uma ordem mais condizente com o potencial produtivo de cada sociedade.

Mas, além de dar conselhos ao soberano em como proceder para maximizar o bem público, seriam as propostas concretas subjacentes à análise de Smith compatível com a noção de uma “mão invisível”, capaz de criar espontaneamente um ordenamento social dinâmico? Seguramente não. Como argutamente salientou Michael PERELMAN, a despeito da defesa do *Laissez-*

---

(11) Ibid, p. 346.

(12) *“But though the interest of the labourer is strictly connected with that of the society, he is incapable either of comprehending that interest or of understanding its connection with his own. His condition leaves him no time to receive the necessary information, and his education and habits are commonly such as to render him unfit to judge even though he was fully informed. In the public deliberations, therefore, his voice is little heard and less regarded, except upon some particular occasions, when his clamour is animated, set on and supported by his employers, not for his, but their own particular purposes”* (Ibid, p. 347).

(13) Immanuel WALLERSTEIN. *Rethinking the concepts...* op. cit. p. 76.



*Faire*, Adam Smith e os demais autores associados à “economia política clássica” estavam empenhados em um “projeto paralelo”: forçar por meios violentos – não só a expropriação da terra, mas todos os outros meios (caça e pesca, mendicância, etc.) que garantam uma existência paralela ao mercado – a *reconstrução* de uma sociedade puramente orientada pelo mercado.<sup>14</sup> Em outros termos, a despeito da retórica, Smith e seus companheiros tinham claro que as formas de vida alternativas ao mercado resistiam e sua assimilação ao capitalismo *não poderia ocorrer sem a violência* que, em grande medida, era imposta pelo Estado. Neste sentido, portanto, disfarçada de uma inócua “acumulação prévia”, o que Smith estava defendendo na prática era a implantação da *acumulação primitiva*, exatamente nos termos em que Marx forjou o conceito. Isto é, Smith percebe claramente que as forças do mercado *não seriam capazes de vergar as resistências “tradicionais” ao seu domínio*. É exatamente para despedaçá-las que a violência “extra-econômica” precisa ser empregada. Fato que não deixa de ser irônico: a “suave” Economia Política não se “esqueceu” da violência e das *duas formas antitéticas* de propriedade (a propriedade de quem explora o trabalho de outrem e a “propriedade” do produtor imediato, que a primeira nega), mas apenas *ocultou* o problema<sup>15</sup>.

O fato é que, como Edward P. THOMPSON enfatizou veementemente, a generalização do mercado e a sua coação muda detonou uma intensa luta dos camponeses pela preservação de uma “economia moral” centrada na noção de “preço justo”<sup>16</sup>. E, como aponta Perelman, esta resistência despertou a fúria de Adam Smith, por dois motivos interligados. Um, de matiz contrafactual, tinha como eixo a idéia de que esta reação indolente e obscurantista impedia que o mercado – guiado pela “mão invisível” - operasse de forma eficaz, a ponto de gerar uma sociedade mais próspera. Era necessária alguma paciência: depois de alguns períodos de fome e penúria, o ordenamento pelo mercado geraria uma sociedade mais igualitária. O segundo motivo é que, animados por esta índole, os pobres enfurecidos violavam as relações de propriedade: os camponeses costumavam invadir os estabelecimentos comerciais, pegar o que necessitavam

---

(14) Cf. Michael PERELMAN. *The invention of capitalism: classical political economy and the secret history of primitive accumulation*. Durham; Londres: Duke U. Press, 2000. p. 1-2.

(15) Cf. *ibid*, p. 100.

(16) Cf. The moral economy of the English crowd in the eighteenth century. *Past and Present*, v. 50, Feb. 1971.

e em troca deixavam a quantidade de dinheiro que julgavam justa<sup>17</sup>. Logo, este tipo de reação deveria ser enfrentada com um misto de repressão e criação “artificial” de escassez (i.e.: inviabilizando pela legislação e pela coerção práticas que preservassem a capacidade de produção para subsistência no campo).

Um exemplo dos mais conspícuos apontando neste sentido é o recrudescimento das *Game Laws* e seus efeitos indiretos. A origem destas leis é claramente feudal<sup>18</sup>, vedar aos não nobres um conjunto de práticas lúdicas que deveriam ser reservadas à nobreza, como a caça nas terras comunais, por exemplo. O fato é que, apesar desta origem, a severidade, abrangência e imposição das punições à caça e a pesca se intensificam a partir do século XVIII. Algo que não deixa de ser intrigante.

*Why would the feudal Game Laws become so much harsher under capitalism? The answer lies in the fact that the Game Laws reflected a situation where the interests of capital and the gentry coincided. The gentry could enjoy the prestige of hunting, while the capitalists could enjoy the labor of many of the people who were forbidden to hunt as a means of subsistence*<sup>19</sup>.

A despeito das motivações, o fato é que a função efetiva das *Game Laws* foi se transformando na medida em que o cerco do mercado aumentava: privar os camponeses da caça e da pesca, fontes importantes de subsistência, que possibilitavam uma vida paralela ao mercado. Como se sabe, só concentrar as propriedades em poucas mãos não bastava: era fundamental destruir qualquer *forma de vida* que não pudesse ser subordinada às pressões de um mercado formador de preços (Polanyi). O ponto é que, para os mais pobres, a caça não tinha nada de lúdico: especialmente nos surtos de desemprego e na alta do preço dos alimentos, a caça e a pesca eram a forma preferida dos mais pobres sobreviverem, já que qualquer outro trabalho remunerado exigiria vários dias de esforço para adquirir um prato de comida. Do ponto de vista da eficácia, portanto, seria impossível criticar estas atitudes. Nestas condições é mais sensato combinar a caça, a pesca, serviços esporádicos e uma eventual

---

(17) Cf. Michael PERELMANN. *The Invention...* op. cit., p. 189-190.

(18) Algo que Adam Smith destaca, bem ao seu modo. Cf. *ibid*, p. 49-50.

(19) *Ibid*, p. 45.

mendicância do que se submeter ao assalariamento. E, era exatamente isto que as pessoas nestas circunstâncias tentavam fazer.

Mas há um segundo componente: além da intensificação das punições, a proibição à caça logo se converteu em uma proibição de usar armas de fogo, o que deixou a população de origem rural ainda mais suscetível à dominação. No século XVIII – e Smith não era uma exceção – não era incomum acusar de indolência os camponeses armados que sabiam caçar: resistiam contra qualquer tentativa de impor sobre eles a disciplina que a dura e mal paga jornada de trabalho exigia, além de representar um foco potencial de insubordinação. Desarmados, proibidos de caçar e de mendigar, a alternativa remanescente era submeter-se ao mercado, alugando a sua força de trabalho por salário ou por serviços eventuais. Logo, como é óbvio, a acumulação de dinheiro na mão de alguns não cria espontaneamente a ordem do mercado: a violência de cunho “extra-econômico” é a sua parteira e a sua guardiã. E isto entra em linha com as ácidas críticas de Smith aos pequenos produtores rurais que possuíam alguma capacidade de garantir a sua própria subsistência.